

Separata do boletim do Museu Municipal de Palmela nº12

JOAQUIM JOSÉ DE CARVALHO (1895-1975) NA HISTÓRIA DO CONCELHO DE PALMELA, CONTRIBUTO PARA UM ESTUDO

Joaquim José de Carvalho, lavrador, proprietário da Herdade do Pinhal do Assa, em Brejos do Assa, no Concelho de Setúbal, onde durante muitos anos produz e vende vinho, mel e frutas, será na política e no comando dos destinos do concelho que mais se destacará. Presidente da Câmara de Palmela em dois períodos (1926-29 e 1946-48) a sua personalidade está intrinsecamente associada a um acontecimento de grande importância na História deste território: a Restauração do Concelho em 1926.

Filho de Manuel Joaquim de Carvalho⁽¹⁾ e de Júlia de Sousa de Carvalho, família de lavradores, cresce em Palmela, na quinta da família em Aires, casando em 1918 com Maria Angelina Mota Quintas, com quem terá sete filhas. A família viverá em Palmela, na rua General Amílcar Mota, n.º 9 e 11.⁽²⁾



Joaquim José de Carvalho, década de 20, século XX.
Autor: Octávio Bobone



Vila de Palmela vista do Castelo, década de 20, século XX. Autor: Foto Cabecinha

¹ Proprietário de várias terras no Lau, adquirirá outras em Aqualva onde plantará 384 hectares de vinha, sendo considerado por Manuel Godinho de Matos, "o mais importante viticultor de Palmela", *Setubalense*, 8 de Setembro de 1965.

² Esta casa terá sido construída pelo seu pai Manuel Joaquim de Carvalho nos primeiros anos do século XX. Em 1938, com a mudança de Joaquim José para Lisboa é vendida a Humberto Cardoso. Notamos a actual importância histórica e artística deste edifício, citando as palavras de Vitor Serrão e José Meco: "mostra um bom trabalho de massas nos capitéis e na cornija, de estilo eclético, e tem uma fachada de dois andares, dos quais o inferior está preenchido com tablettes de azulejos vidrados de verde e, no remate, painéis azuis e brancos da Fábrica de Sacavém, ao gosto da oficina de Jorge Colaço, com temas de trabalhos agrícolas e cenas rurais". Vitor Serrão e José Meco, *Palmela Histórica – Artística, um inventário do Património Concelhio*, Lisboa/Palmela, Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, 2007, pp. 250 e 251.

No início do século XX, Palmela encontra-se em regressão. Suprimida como concelho em 1855³ será, desde esta data, freguesia de Setúbal, condição que trará grande descontentamento às populações que, segundo a imprensa local, o expressam através da indiferença e o abandono da sua terra. Em 1867, o *Jornal de Setúbal* escreve assim: “A vila de Palmela sendo em outro tempo um importante concelho (...) o indiferentismo que vai por toda a parte, nota-se, porém, ali no seu maior auge, o que é consequência do estado de obscurantismo em que se acha a quase totalidade dos seus habitantes. Há naquela vila um diminutíssimo número de cavalheiros ilustrados e amigos do progresso e ainda os esforços destes não são secundados por aqueles que o podiam fazer a bem da sua terra, pelos meios de fortuna de que dispõem. Prova-se bem o que de há muito acreditámos, que a importância material dos indivíduos, não tem senão a utilidade destes, quando não é acompanhada de outros dotes. Contudo ousamos recordar aos palmelenses ilustrados e amadores da civilização e do progresso, que não afrouxem antes insistam no empenho de prosseguir nos melhoramentos materiais e intelectuais.”⁴ Sobre esta realidade Joaquim José de Carvalho também dirá: “As ruas mal cacetadas umas, o rosso a descoberto noutras, as estradas municipais para não diferirem das do Estado, estavam, intransitáveis, a instrução descurada por completo, as casas mais negras do que as de Roma depois do grande incêndio, os candeeiros da iluminação publica poucos e avariados, apagam-se à mais fraca rajada de vento, não andamos às cabeçadas uns aos outros, porque a gente nas ruas é pouca (...) a limpeza pública deplorável, as ruas imundas dão ideia de quarelas adubadas para a sementeira da batata, a água das poucas sargetas que existiam está podre e envenenada (...). Existem dentro da povoação muitas malhadas de gado suíno e lanígero, as suas urinas vão inquinhar as águas das nascentes que lhe estão próximas, constituindo um perigo para a saúde pública; não existe um hotel decente, para comer e pernoitar (...). O povo sem autoridade para reprimir, entrou

num à vontade de que não soube fazer uso, e isso trouxe-lhe o embrutecimento e a prática de actos menos dignos, o vandalismo e a pirataria. O povo tinha descido à extrema depravação moral. Passou a ser a terra onde toda a gente se aborrece (...).⁵

Consciente desta realidade, bem como da necessidade de intervenção, nos primeiros anos da década de 20, muito jovem ainda, decide ter uma presença mais activa pela defesa dos interesses locais.

Como afirmará “Eu era novo. Tinha 20 anos, o povo lamentava-se; o meu pai tinha propriedades, portanto o meu contacto era permanente com o pessoal das terras! E eu que convivia muito com pessoas honestas e conscienciosas, vi que o povo tinha razão em lamentar-se e comecei a interessar-me pela causa e a defender os interesses desta gente. Essa gente teve tanta confiança em mim que me nomeou vereador da Freguesia de Palmela, no Concelho de Setúbal.”⁶



Chafariz D. Maria I, década de 20, século XX.
Autor: Foto Cabecinha

Em 1914 é criado o Movimento Pró-Restauração de Palmela que, apoiado na extraordinária expansão económica da região, exige ao poder central a restauração do concelho. Joaquim José de Carvalho integrará este movimento nos primeiros anos da década de 20, altura em que desempenha também o cargo de vereador na Câmara de Setúbal, do qual é expulso em 1921, motivando a reclamação do Partido Republicano Democrático de Palmela. Através de abaixo-assinado pedem a anulação do acto de injustiça da Câmara Municipal

³ Sobre este tema podem ler-se as seguintes obras: Ernesto Castro Leal, Odília Castro Leal, Horácio Pena, Carlos Mouro, *Da Supressão à Restauração do Concelho de Palmela Conjunturas e Símbolos (1855-1926)*, Palmela: Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, Cadernos Locais, volume 1, 1998; António Matos Fortuna, *Extinção e Restauração do Concelho, um combate singularmente duro*, Monografia de Palmela 3, Palmela: Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela; 1995; João Reis Ribeiro, “A Restauração do Concelho de Palmela”, in *Histórias e Cantinhos da Região de Palmela*, Palmela: Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, 2002, pp., 94 a 98.

⁴ *Jornal de Setúbal*, 14 de Julho de 1867, p. 2.

⁵ *Portugal Ilustrado, Grande Álbum de Turismo*, n.º 1, Lisboa: Revista Terras de Portugal, 1928. s.p.

⁶ *idem, ibidem*

de Setúbal, para com o seu vereador, que explicam à luz da acção por este desenvolvida em defesa da restauração do concelho de Palmela.

Em 1926, após 71 anos de reivindicação, caracterizados por António Matos Fortuna como “um combate singularmente duro”, o Concelho é finalmente restaurado. Segue-se a organização da Comissão Pró-Concelho de Palmela, constituída por Manuel Machado de Oliveira, Vítor Leão Pacheco, Pedro Augusto da Fonseca, Agostinho Augusto Pereira e o Padre Moisés da Silva. Como substitutos encontram-se Manuel dos Santos Palmela Júnior, Amadeu Rodrigues da Costa, António Severino de Matos, José Luis Durão e Henrique Augusto Perinas.

Joaquim José de Carvalho, com 31 anos, assume as funções de Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Palmela, momento que descreve assim: “Radiante uma nova aurora despontou. O sol nasce agora mais suave e formoso do que nunca; espalha-se dardejante pelas colinas e mergulha-se sobre a beleza infinita da paisagem. A boa notícia corre veloz, os operários largam o trabalho, fecham-se as oficinas, os comerciantes abandonam os estabelecimentos, as mulheres descuram os trabalhos domésticos e todos vêm para a rua com favoráveis comentários – rebentam os primeiros morteiros que nos fazem estremecer de comoção e levam aos camponeses a confirmação da notícia que ansiosamente aguardavam – e magicamente se juntaram milhares de pessoas. Este foi um delírio indescritível, e se recordar é viver, deixai-me recordar esses momentos felizes, essas horas de santa balbúrdia em que eu vi o povo e as filarmónicas sair espontaneamente para a rua num louco entusiasmo, e em estrondosas manifestações ao Governo, ao Ministro da Marinha e ao ilustre General Amílcar Mota. As filarmónicas executam hinos patrióticos, o povo confraterniza-se vêm-se olhos marejados de lágrimas, as criancinhas compartilham da alegria dos pais, mas ficam espantados ante o espectáculo tão grandioso e que jamais tinham visto, os acordes do hino da Restauração de Portugal faz-nos vibrar o coração e evocar a acção arriscada a heróica desses bravos portugueses de 1640. Agora, como então, é um povo que se liberta. Essa mole enorme de povo encaminha-se para os Paços do antigo Conselho e para o Castelo; nesses lugares a manifestação atinge a culminância do entusiasmo e

do delírio; percorrem-se as ruas, fazem-se cumprimentos e orações e os manifestantes já acham pequena a grande povoação para as suas expansões de alegria, e partem em carroças “camionetas” e automóveis para Pinhal Novo e Quinta do Anjo a participar-lhe a boa nova.”⁽⁷⁾

Dias depois, com enorme assistência popular, e com toda a solenidade, na sala nobre dos Paços do Concelho “é dada posse ao administrador do Concelho em cujo lugar foi investido o nosso conterrâneo sr. Engenheiro João Raul Salgueiro de Pina Coelho e logo a seguir pelo Sr. Administrador do Concelho é dada posse à Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Palmela. Uma estrondosa e prolongada salva de palmas ecoou por toda a sala (...). O povo, associações, sociedades. Clubes, corpos administrativos em extensos telegramas manifestam ao governo, ao Ministro da Marinha e ao general sr. Amílcar Mota o seu reconhecimento (...). No dia imediato a Câmara em sua sessão ordinária, elege o presidente, faz a distribuição dos pelouros, nomeia empregados, estabelece posturas (...) toma conta dos edifícios municipais, das muares, dos materiais e dos serviços públicos (...). Nada absolutamente tínhamos para montarmos a engrenagem municipal. Nem edifício próprio livre e em condições, nem material de qualquer espécie. A parte aproveitável e bem cuidada dos antigos Paços do Concelho estava toda ocupada pelo posto da GNR e o resto do edifício, afora a antiga sala nobre, hoje sala de sessões da câmara, estava servindo de cadeia, arrecadação dos carros de limpeza pública, armazéns de materiais e de palha até de cocheiras, por sinal imundas, sem ar e sem luz. Casa excessivamente imundas e algumas ameaçando ruínas.”⁽⁸⁾



Paços do Concelho, década de 20, século XX.
Autor: Foto Cabecinha

⁷ Portugal Ilustrado, Grande Álbum de Turismo, n.º 1, Lisboa: Revista Terras de Portugal, 1928. s.p.

⁸ Diário de Notícias, 3 de Novembro de 1926, s.p.



Pelourinho, década de 20, século XX. Autor: Foto Cabecinha

Os novos tempos eram de entusiasmo. Era preciso agir, “os empregados e vereadores trabalhavam afincadamente e com êxito, o povo paga os impostos com satisfação, o dinheiro entra consecutivamente e bastante, os rendimentos excedem todas as expectativas, todas as previsões, e em trinta e tal dias, cobrámos quarenta e tal contos (...).”⁹⁾ Neste contexto serão feitos vários melhoramentos, nomeadamente obras nos Paços do Concelho, limpam-se fontes e poços, levanta-se a planta topográfica da vila, são nomeados 3 médicos, apoia-se a criação das freguesias de Quinta do Anjo, Pinhal Novo e Marateca, todas as malhadas de gado são removidas para fora da população, a iluminação publica chega a Cabanas e Quinta do Anjo, Pinhal Novo e Marateca e são concluídos os Cemitérios de Quinta do Anjo e Poceirão, onde passam a ser feitos enterramentos. Mas no conjunto dos melhoramentos realizados, duas obras darão a Joaquim José de Carvalho especial orgulho, pois, como justifica: “grandemente hão de contribuir para o levantamento moral do humilde povo da minhas terra (...). Em primeiro lugar, a construção do lindo parque do castelo, que, já pela sua riqueza panorâmica, já pelas curvas graciosas das suas ruas e placas, delineados e traçados por mão de mestre e onde já plantamos aproximadamente 2.500 árvores de grande e pequeno porte e das mais lindas variedades, há-de, daqui por dez anos constituir uma mata frondosa e encan-

tadora que em muito se aproximará das de Sintra e do Buçaco (...). Em segundo lugar, a escola de S. João, edifício moderno e majestoso, gloria de um povo, porquanto o seu projecto é da autoria do mestre Salvador Camolas, modesto filho desta terra. Mede cinquenta metros e meio por doze metros e meio, e admite, nas suas quatro amplas salas e muito à vontade, por cada turma, duzentos alunos de cada sexo. Pela solidez da sua construção e pela elegância da sua arquitectura, que obedecem em todos os detalhes às mais rigorosas condições pedagógicas (...) O estado subscreveu com 15.000 escudos. O maior auxílio foi o do benemérito lavrador sr. Samuel Santos Jorge, que ofereceu madeira no valor aproximado de 20.000 escudos(...), é aberta no Palmelense uma subscrição pública para a compra do mobiliário”¹⁰⁾, que é adquirido com esse apoio, bem como com o patrocínio da Câmara Municipal. Será inaugurada no dia 16 de Julho de 1929, embora a obra não se encontre ainda terminada.



Construção do Parque do Castelo, década de 20, séc. XX. Autor: Manuel Giraldes da Silva

Em 1928 é lançado *O Palmelense* jornal regionalista cuja intenção é explicitada no primeiro número datado de 1 de Novembro: “Nesta hora de efervescência nacionalista e de intensificação de progresso que se nota por todo o paiz, não podíamos nós deixar a fidalga vila de Palmela, que hoje goza a honrosa condição de povo livre e que procura em bases sólidas e são princípios efectivar o seu ressentimento desprovido desse agente propulsor do progresso, que é a imprensa.”¹¹⁾ Aqui, onde Joaquim José de Carvalho ocupará o cargo de director, editor, proprietário e redactor, serão escritos arti-

⁹ *Portugal Ilustrado, Grande Álbum de Turismo*, n.º 1, Lisboa: Revista Terras de Portugal, 1928. s.p.

¹⁰ *A Voz de Palmela*, 4 de Novembro de 1971, p.6

¹¹ *O Palmelense*, 1 de Novembro de 1928, p. 1



Construção da Escola Hermenegildo Capelo, no Largo S. João, década de 20, século XX,. Autor: Foto Cabecinha

gos de opinião sobre a vida local e descritos os principais acontecimentos locais.⁽¹²⁾

Passados dois anos da Restauração do Concelho, Joaquim José de Carvalho decide sair da Presidência da Câmara, afirmando: “*preciso sair, pois estou cansado e tenho absoluta necessidade de ir tratar de mim e das minhas propriedades, visto que há 3 anos me entreguei exclusivamente à vida municipal, abandonando por completo a minha vida agrícola (...).*”⁽¹³⁾ Por cumprir ficarão: a construção de uma escola em Águas de Moura, a instalação da luz eléctrica em Palmela, a reparação de todas as estradas municipais e a construção de um lar para idosos. E a sua saída, motivada pela “desilusão” é explicada assim: “*A nula colaboração do palmelenses pró-ressurgimento da sua terra, não se deve a qualquer má vontade ao concelho, porque essa não existe, mas tão-somente ao seu desmedido egoísmo e excesso de ignorância. Esses dois terríveis predicados, não permitem que este povo se compenetre convenientemente dos seus deveres. É por isso que supõem erradamente, que o levantamento de Palmela pode e tem de ser obra só de um homem ou de uma entidade (...). Pode-se contudo sair, desta situação tão desgraçada quão vexatória? Muito facilmente. Para tanto basta simplesmente que o povo de Palmela tenha uma visão*

clara das coisas e que modifique radicalmente os seus próprios maus costumes e os seus maus hábitos. Os proprietários de casas, devem ser mais comedidos nas suas exigências e mais caprichosos. Devem sem esperar pelas imposições dos editais ou dos tribunais, branquearem as suas casas, tirando-lhe esse aspecto desolador que tanto nos vexa. Os comerciantes devem ser mais escrupulosos e também razoáveis nos preços e nas atitudes. Os agricultores devem vender aqui, alguma coisa de bom que produzem. O povo em geral deve ser mais cuidadoso com o asseio e com a higiene da vila. O povo em geral deve auxiliar as boas iniciativas da Câmara e facilitar-lhe a realização dos seus projectos. Ninguém se deve eximir ao pagamento de impostos razoáveis e antes devem fazê-lo de boa vontade.”⁽¹⁴⁾



Diploma de participação de Joaquim José de Carvalho na I Exposição Regional do Distrito de Setúbal, Julho de 1930

¹² Sem periodicidade certa, entre 1928 e 1932, que tenhamos conhecimento, serão publicados 18 números.

¹³ *Diário de Notícias*, 31 Outubro de 1929, s/p.

¹⁴ *Jornal 28 de Maio*, 4 de Abril, de 1930, s/p.

No mesmo ano escreve no *Jornal O Palmelense*: “(...) não posso continuar, tenho a minha vida, (...) tenho os meus filhos, coisas para mim tão sagradas e que durante três anos inteiros abandonei em favor deste concelho. Não posso mais, estou vencido. pelo cansaço (...). Saio, deixando tudo em ordem, deixando tudo em dia e entregue a gente de bem, a gente a quem o concelho já deve e a quem há-de dever muitíssimos e assinalados serviços. É essa a minha satisfação. Não deixo dinheiro é verdade mas também não deixo dívidas.”¹⁵ Com a sua saída toma posse uma nova Comissão Administrativa composta por Bernardino José Borges, Padre Moisés da Silva, Isidro d’Oliveira, Joaquim da Silva Setra (vereador de Quinta do Anjo) e João da Costa Xavier (vereador de Pinhal Novo).

Apesar da sua demissão, bem como da mudança para Lisboa em 1938, regressará anos mais tarde ao comando dos destinos do concelho de Palmela. Assim, substituindo Venâncio da Costa Lima¹⁶, pela mão do Governador Civil de Setúbal Mello e Castro, toma posse como Presidente da Câmara, no dia 24 de Janeiro de 1946.¹⁷ Segundo é afirmado pela imprensa, é sua vontade cumprir ambições antigas, nomeadamente a construção de um lar de acolhimento para idosos o que justifica: “chegados aos 50, os rurais pobres de ambos os sexos, que andam na lavra dos campos estão fisicamente esgotados e inutilizados. E para esses homens e mulheres, dignos do nosso respeito, porque levaram uma vida toda de trabalho honesto.”¹⁸ A Quinta do Anjo quer levar o abastecimento de água, instalar saneamento e na vila de Palmela

construir um bairro de 30 moradias para os pobres, concluir a escola S. João, construir uma esplanada no sítio do S. João e reconstruir a estrada Estação/Algeruz/Poçoirão, que serve uma importante região vinhateira.¹⁹

Em Agosto de 1947 são inauguradas as seguintes obras: o Edifício Escolar do S. João, que se denomina Hermenegildo Capelo e a esplanada do S. João.



Joaquim José de Carvalho, década de 40, século XX.
Autor: não identificado

¹⁵ *O Palmelense*, 1 de Outubro de 1929, p.3. No mesmo artigo, sobre o pedido de demissão da Câmara escreve “com a franqueza que me caracteriza, digo já as coisas que me motivaram. Foram elas as seguintes:

Primeiro – Por repudiarmos por completo, as grosserias e deslealdade de quem neste concelho, desempenhou funções de autoridade superior. E também, por discordância absoluta, com a continuação de certo indivíduo como autoridade deste concelho que ele nunca serviu nem tentou.

Segundo – Por nos recusarmos terminantemente, satisfazer as ambições desmedidas de alguém em favor de pessoa de sua família, que por favor e grande conseguiu colocar neste concelho. Por sugestão do indivíduo a quem nos recusamos servir, foi-nos preparada uma cilada e um vexame, que repudiarmos altivamente.

Terceiro – por estar próximo o dia em que a Câmara terá de se pronunciar sobre o resultado de uma sindicância promovida a um dos seus funcionários (...).

Quarto – Por se ter verificado reconhecido, tristemente o confesso que nesta terra muita gente queria e pedia a restauração do concelho única e simplesmente para se governar. Empregos, muitos empregos, era a aspiração parece-me única desta gente. Aqueles que não pediam para si, pediam para os seus. Pediam, é modo de falar, exigiam, impunham-se, batiam o pé e ameaçavam. Houve até quem, me tivesse pedido particularmente e por escrito à Câmara (cujo documento desapareceu misteriosamente da secretaria mas a ele se refere a acta da sessão em que foi presente) um emprego de doze mil escudos, por ano, propondo-se trabalhar dois dias por semana e duas horas por cada um desses dias – ou sejam 208 horas por ano.”

¹⁶ Venâncio da Costa Lima ocupa a presidência da Câmara entre 1936 a 1946. Antes dele: Bernardino José Borges (de 1929 a 1933); Diogo Rogério dos Reis Themudo (1933/34); Francisco Carvalho de Oliveira e Silva (de 1934 a 1936); e Fernando Infante da Câmara Almeida e Sousa (1936/37).

¹⁷ Escolhidos pelo Governador Civil, à data, Melo e Castro, segundo é descrito pela imprensa: “Além do Sr. Joaquim de Carvalho, os vereadores agora empossados são todas pessoas muito estimadas na região, o que justifica o regozijo que os palmelenses hoje manifestaram e a concorrência desusada, de milhares de pessoas que ocorreram ao acto da posse, enchendo literalmente os Paços do Concelho e aglomerando-se na rua onde, por meio de alto-falantes ouviram os discursos proferidos durante a cerimónia.” *Diário da Manhã*, 25 Janeiro de 1946, p.5

¹⁸ *Diário da Manhã*, 1 Novembro, 1946, p.4

¹⁹ *Diário de Notícias*, 1 Novembro de 1946, p.4



Homenagem a Joaquim José de Carvalho, 1971. Autor: não identificado



Joaquim José de Carvalho discursa nos Paços do Concelho, 1971. Autor: não identificado

Em 1948 volta a afastar-se, sendo substituído por Humberto da Silva Cardoso, mas ainda assim, na condição de lavrador, liderará a campanha para a construção de uma adega cooperativa, mediante a qual, durante os primeiros anos da década de 50, publicará no jornal a *Voz de Palmela*, longos artigos de opinião defendendo os pequenos viticultores e as vantagens do Cooperativismo. Foi um dos principais impulsionadores deste equipamento, que inaugurará em 1955, com a denominação Adega Cooperativa da Região do Moscatel de Setúbal, cuja laboração iniciará em 1958.

As gentes de Palmela, reconhecendo o valor e a obra de Joaquim José de Carvalho muitas vezes lhe prestarão homenagem. Destas destacamos uma:

em 1971, a Câmara Municipal atribuirá o nome Joaquim José de Carvalho ao jardim do S. João que em 1946 este mandou construir⁽²⁰⁾, aí colocando uma placa com o seu nome e onde, em 1994, será instalado, pela iniciativa do Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, um busto, em cuja base pode ler-se “*A Joaquim José de Carvalho e demais restauradores do Concelho, homenagem do povo de Palmela. I.II.94*”.

Joaquim José de Carvalho morre a 10 de Janeiro de 1975, com 79 anos, acontecimento que o jornal *A Voz de Palmela* noticia assim: “*Conservou, até aos últimos momentos, a lucidez de espírito que fez dele um dos maiores revolucionários do seu tempo na defesa intransigente dos trabalhadores rurais e do Povo de Palmela (...). Homem que irradiava simpatia, orador brilhante; defensor acérrimo dos pequenos viticultores; primeiro presidente da Comissão Administrativa do Município Palmelense, Joaquim José de Carvalho descansa em paz na terra que lhe foi berço e à qual doou os melhores anos da sua vida.*”⁽²¹⁾

Cristina Prata

Técnica de História e Museologia
da Câmara Municipal de Palmela

As imagens que constam neste documento foram doadas por Selise de Carvalho, filha de Joaquim José de Carvalho, à Câmara Municipal de Palmela/Museu Municipal, em 2008.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes

- *A Voz de Palmela*, 11 de Novembro de 1971; 16 de Janeiro de 1975
- *Diário da Manhã*, 25 Janeiro de 1946; 1 Novembro de 1946
- *Diário de Notícias*, 3 de Novembro de 1926; 31 Outubro de 1929; 1 de Novembro de 1946
- *Jornal de Setúbal*, 14 de Julho de 1867
- *Jornal 28 de Maio*, 4 de Abril de 1930
- *O Palmelense*, 1 de Novembro de 1928; 1 de Outubro de 1929
- *Setubalense*, 8 de Setembro de 1965
- *Portugal Ilustrado, Grande Álbum de Turismo*, n.º 1, Lisboa: Edição da Revista Terras de Portugal, 1928

Bibliografia

FORTUNA, António Matos - *Extinção e Restauração do Concelho, um combate singularmente duro*, “Monografia de Palmela 3”, Palmela: Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, 1995

LEAL, Ernesto Castro; LEAL, Odília Castro; PENA, Horácio, MOURA, Carlos Moura - *Da Supressão à Restauração do Concelho de Palmela Conjunturas e Símbolos (1855-1926)*, Palmela: Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, 1998

RIBEIRO, João Reis - “A Restauração do Concelho de Palmela”, *Histórias e Cantinhos da Região de Palmela*, Palmela: Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, 2002

SERRÃO, Vitor; MECO, José - *Palmela Histórica – Artística. Um Inventário do Património Concelhio*, Lisboa/Palmela: Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, 2007

²⁰ “*Chegado o cortejo àquele miradoiro rochoso, que foi outrora toda a vasta zona de S. João, mas que Joaquim de Carvalho transformou num magnífico jardim, a multidão espalhou-se nas vistosas ruas para melhor poder admirar o descerramento da placa, por um netinho do homenageado, onde se lê a inscrição: “Jardim Joaquim José de Carvalho 8.11.1971”. A Voz de Palmela, 11 de Novembro de 1971, p.6*

²¹ *A Voz de Palmela*, 16 de Janeiro de 1975, p.1